

Arquitetura, percepção e educação

por Márcio Augusto Araújo*

A Arquitetura é a mais importante das artes-ofício. Enquanto arte, seu objetivo primordial é transmitir o sentido da criação e do belo por meio das estruturas construídas, à semelhança das esculturas, e também atuar sobre os espaços, gerando a sensação de conforto e harmonia. Verdadeiros monumentos, como a Mesquita de terra em Djenne, no Mali (foto 1), ou As Sete Obras, de Antoni de Gaudí, em Barcelona, Espanha (foto 2), confirmam o vínculo entre Arquitetura e arte.

Na condição de ofício, nada supera a Arquitetura na tarefa indispensável de planejar e projetar o uso e aproveitamento dos espaços, de forma a atender as necessidades de proteção, moradia, tráfego, convivência e trabalho das pessoas.

Há, contudo, outra função exercida pela Arquitetura, pouco comentada. Trata-se da capacidade de educar por meio do impacto subliminar da própria estrutura construída, pela relação estabelecida entre o indivíduo e a edificação. Entenda-se por educação mais do que o ato de ensinar ou preparar as pessoas para terem um diploma, um trabalho ou mesmo a conviverem juntas por um período de suas vidas. No caso da Arquitetura, educar consiste também em propiciar às pessoas, pelo contato com a construção, maior autoconhecimento e percepção de si mesmas, do entorno, do meio ambiente e de sua própria época e história.

O filósofo e educador norte-americano Marshall McLuhan (1911-1980), hoje reconhecido como o primeiro a prever fenômenos como a globalização e a Internet, enunciou nos anos 60 alguns conceitos-chave perfeitamente aplicáveis à Arquitetura com função educacional. São eles: o de que **o meio é a mensagem**; e nós **somos o que vemos**.

O meio é a mensagem

O poeta e ensaísta italo-americano Ezra Pound dizia que “os poetas são as antenas da raça”. Analogamente, pode-se dizer que os arquitetos são “as antenas de suas comunidades”. Assim como os poetas transmitem e amplificam o acervo lingüístico de seus povos e de suas épocas, os arquitetos também traduzem as necessidades de sua sociedade e a maneira como ela lida com sua cultura, com o meio ambiente ou ambiente transformado, suas comunidades, suas formas e com seu espaço.

A estrutura arquitetônica ‘fala’. Por exemplo, a arquitetura das edificações religiosas, caso das mesquitas (templos islâmicos) ou igrejas (foto 3), mais do que oferecer espaço para abrigar centenas de pessoas, tem como objetivo predispor os fiéis à sensação de infinito e de elevação. Por isso, a estrutura de cobertura das mesquitas são cúpulas de elevado pé direito, que tentam reproduzir a sensação de se estar diante da abóbada celeste, enquanto transmitem ao espírito o estado de expansão e de proteção.



Numa mesquita, seguindo os preceitos do islamismo, não deve haver imagens de seres vivos (humanos, vegetais ou animais). Quando as há, são arabescos, formas geométricas que induzem o indivíduo à abstração e não permitem que ele se distraia de seu encontro com o divino dentro de si mesmo.

Intenção quase semelhante pode ser percebida nas igrejas católicas tradicionais, nas quais introspecção, elevação, força e a vinculação com as formas humanas divinizadas (como as de Jesus Cristo e os santos) são sensações proporcionadas subliminarmente aos fiéis, através da arquitetura local. Nas construções das antigas igrejas católicas, nada era aleatório: desde a fundação, passando pelas colunas, arcos, afrescos, vitrais ou imagens pintadas na parte interna da cúpula, tudo tem o objetivo de doutrinar e educar o fiel dentro do espírito cristão e de prepará-lo para um sentir mais profundo. O livro "O mistério das catedrais", de Fulcanelli, aborda detalhadamente a concepção cosmo-arquitetônica de um templo cristão, assim como os detalhes que a encerram.

A arquitetura religiosa é um exemplo de como uma estrutura pode influenciar a percepção do indivíduo a partir de sua relação com os espaços e com seu próprio íntimo. Trata-se, portanto, da própria educação do ser, de sua formação enquanto indivíduo completo.

Somos o que vemos

Na Arquitetura contemporânea, de maneira geral, as edificações causam menor impacto sobre o sentir e a percepção humana, uma vez que predominam formas com ângulos retos, incorporadas à paisagem habitual das cidades, e por estarem de conformidade com as exigências do mercado e com as chamadas tendências, que preconizam formas ortogonais e as relações de trabalho.

O que se convencionou chamar de "mercado" é o conjunto da visão comercial e dos agentes que o compõem (fabricantes, vendedores, consumidores, organismos reguladores, sua publicidade e marketing etc.). Por sua vez, as tendências são as modas que este mesmo mercado lança, periodicamente, a fim de retroalimentar-se e manter-se vivo da forma como é. O mercado cria a ilusão do novo (as tais tendências), transmitindo ao consumidor a sensação de que, ao adquirir determinado bem ou serviço, tudo ficará mais "fácil" ou "confortável" ou será mais "evoluído" ou se estará dentro do espírito de sua época (se será contemporâneo).

Essa ligação univitelina entre mercado e tendências conduz a uma supressão da capacidade criativa na arquitetura, impedindo que a percepção do arquiteto ou do profissional de projeto traga à tona uma visão que relacione as pessoas a si mesmas, ao mundo e ao meio ambiente. Com isso, a Arquitetura torna-se mecânica e formal, resultando em edificações que, embora atendendo às necessidades materiais dos indivíduos, são incapazes de despertar a sensibilidade profunda de quem as habita e de humanizar as próprias construções.

Acostumados a uma arquitetura industrializada e padronizada, as pessoas se chocam ao ver edificações que inovem com propostas diferenciadas no trato com a forma, o ângulo, o espaço e a matéria. As primeiras impressões são de espanto, curiosidade e até repugnância. Raramente se acredita que esse tipo de obra possa servir para o trabalho ou moradia, exceto quando considerada um projeto de um autor mais arrojado, caso de um Norman Foster, que se impõe ao mercado justamente por suas características diferenciadas. Mas a questão é: É possível superar a imposição dos padrões comerciais oferecendo ao usuário/morador não apenas uma edificação formal, mas também um espaço de relação com o mundo e com a própria sensibilidade?

O meio é a mensagem

Uma arquitetura com princípios pedagógicos como a Antroposófica (corrente científico-filosófica criada pelo pensador austríaco Rudolf Steiner) reúne em si alguns dos elementos fundamentais para que o meio seja a mensagem, ou seja, para que a própria obra seja aquilo que se deseja comunicar.

A forma das construções antroposóficas é uma facilitadora de processos educacionais, pois se comunica a partir de sua plasticidade. Ao visual, pelo inusitado da forma, das curvas ou ângulos que não seguem a trajetória fixa das retas. Ao espacial, pela sensação de que uma linha não necessariamente se encontra com outra em um canto; ao tátil, pelo desejo de tocar a própria superfície da construção, estimulando o lúdico e a criatividade no indivíduo.



As Fotos 4 e 5 são oriundas de uma obra projetada e construída pelo engenheiro colombiano Luis Carlos Rios Gallego. Segundo o engenheiro, a intenção era erguer uma escola para crianças portadoras de necessidades especiais.

A concepção e a forma da edificação surgiram a partir da percepção de seu projetista da necessidade de criar um espaço que estimulasse seus jovens ocupantes a se integrar e interagir com seus educadores e com o mundo. Foi, portanto, uma construção terapêutica, que obteve resultados positivos ao fim a que se propunha.

Surge, assim, outra questão. Esse tipo de edificação pode ser reproduzida em outros lugares, atingindo os mesmos efeitos e resultados? A resposta é: formativamente não, pois ela é o resultado da relação única de um autor (seu projetista) e de sua sensibilidade com seu meio e usuários. No entanto, tal edificação pode servir para inspirar, mais do que projetos semelhantes, a própria criatividade alheia, atuando como semente, que, no momento certo e em condições adequadas, germine.

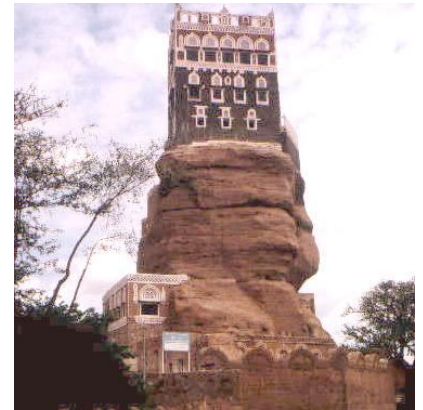
Uma arquitetura verdadeiramente educativa é também ecológica, pois sempre trará respostas às necessidades materiais e subliminares do indivíduo com seu meio. Tal arquitetura jamais pode ser reproduzida acriticamente. Ela deve ser entendida em seu impulso original, que é o de encontrar soluções pontuais, onde estas sejam necessárias.

Elementos como cálculo das estruturas, uso e aplicação de materiais, fazem parte do repertório básico de soluções técnicas dos profissionais da construção e devem ser universalizadas. O mesmo não se pode dizer daquelas soluções que devem emergir a partir da relação entre projetista, cliente, local e meio ambiente. Para estas, não há um receituário, mas apenas pistas ou recomendações gerais. Como dizia o pensador J. Krishnamurti, o novo jamais pode surgir do velho, daquilo que já se conhece.



Educação e sustentabilidade

A arquitetura vem se tornando padronizada desde a Revolução Industrial, com o advento de obras verticalizadas de porte, construídas em prazos curtos, capazes de abrigar imensos contingentes de trabalhadores e moradores vindos do campo e de diversas partes do mundo. Esse padrão, originado no Ocidente em fins do século 18, se expandiu por todo planeta, e a globalização de fins do século 20 só o intensificou, arrasando modelos vernaculares e regionais de Arquitetura.



Assim como em praticamente todos os segmentos, também a arquitetura vem passando por um processo de des-sensibilização e distanciamento de sua relação direta com a Natureza. Se antes os materiais das construções eram obtidos diretamente do meio natural, com pequeno processamento energético e pouca transformação –caso da terra, da madeira, da pedra e do bambu-, hoje o uso extensivo das matérias-primas industrializadas indicam o afastamento do ser humano do meio ambiente. São os casos do aço, do concreto, da madeira recomposta (compensados e OSBs) e do plástico, que requerem sistemas custosos, energívoros e ambientalmente agressivos para sua obtenção e fabricação.

Analogamente, observem-se as crianças, que, antes, interagiam em espaços abertos, com brinquedos de madeira ou materiais naturais (pedras, fibras, outros), e hoje brincam com artefatos de plástico e são iniciadas cada vez mais cedo no uso de computadores, superestimulando sua capacidade mental-cognitiva, em detrimento de suas faculdades psíquico-físico-motoras e lúdicas.



Uma tentativa de resgatar princípios humanos e ecológicos pela Arquitetura, bem como de reeducar as pessoas a partir das próprias edificações (re-sensibiliza-las), vem surgindo através dos diversos métodos de construção ecológica e sustentável, movimento que procura reduzir os impactos gerados pela construção civil ao mesmo tempo em que busca reintegrá-la ao meio ambiente. Esse movimento ganhou mais força a partir da divulgação do relatório do IPCC – Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, entidade ligada à ONU – Organização das Nações Unidas, que mostrou o impacto das ações humanas sobre a Natureza e as alterações no clima planetário, com o aumento da temperatura global e suas conseqüências para a agricultura, maior ocorrência de terremotos, maremotos, dentre outros fenômenos naturais.

A proposta (inicialmente positiva) de se introduzir e massificar o conceito de sustentabilidade na arquitetura e na construção esbarra, no entanto, em sua transformação em mais uma tendência comercializável, reduzida a modelos prontos, exportáveis, sem considerar a relação do indivíduo com o local em que se encontra, com o devido respeito à história, comunidade e demandas específicas de sua sociedade.

Algo tão importante como o conceito de sustentabilidade, que traz em si a urgência de se pensar e viver com respeito ao todo, corre o risco de tornar-se uma abordagem tecnicista e comercial. Não basta apenas construir com tecnologias mais avançadas ou com modelos pré-definidos, capazes de reduzir quantitativamente impactos ambientais. Isso apenas adia o confronto com o problema para uma próxima etapa. É fundamental criar abordagens do fazer arquitetônico que estimulem o despertar e uma ampla percepção no contato com o ambiente construído, estimulando a capacidade de compreender e transformar a realidade a partir do interior de cada indivíduo.

(...)“A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.
Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática). (...)

João Cabral de Melo Neto

***Marcio Augusto Araujo – consultor em Ecoprodutos e construção sustentável, sócio-fundador do IDHEA – Instituto para o Desenvolvimento da Habitação Ecológica. Contato: marcio@idhea.com.br.**